

# TEXTOS AUTOBIOGRÁFICOS DE LEO HAMALIAN: MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL ARMÊNIA

AUTOBIOGRAPHICAL TEXTS BY LEO HAMALIAN: MEMORY AND ARMENIAN CULTURAL IDENTITY

Deize Crespim Pereira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar dois textos autobiográficos de Leo Hamalian, autor americano de ascendência armênia, utilizando pressupostos teóricos dos estudos culturais. Em “Amid Bounty, Longing” (Em meio à generosidade, a nostalgia), Hamalian recupera as memórias de infância, refletindo sobre sua difícil relação com o pai, sob a perspectiva do trauma do genocídio perpetrado contra os armênios no Império Otomano no início do século XX, e da conseqüente expatriação do povo armênio. Em “A Small Question of Identity” (Uma pequena questão de identidade), o autor narra suas experiências em viagens ao Oriente Médio, mais especificamente, a Síria, Líbano, Turquia e Jordânia, onde se relaciona com pessoas de origem armênia, o que o leva a pensar sobre sua identidade cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura armênia; autobiografia; genocídio armênio; identidade cultural; Leo Hamalian.

**Abstract:** This article aims to analyze two autobiographical texts by Leo Hamalian, an American author of Armenian descent, using theoretical assumptions of cultural studies. In “Amid Bounty, Longing”, Hamalian recollects childhood memories, reflecting on his difficult relationship with his father, from the perspective of the trauma of the genocide perpetrated against Armenians in the Ottoman Empire at the beginning of the XX century, and the consequent expatriation of the Armenian people. In “A Small Question of Identity”, the author narrates his experiences on trips to the Middle East, more specifically, to Syria, Lebanon, Turkey, and Jordan, where he has relationships with people of Armenian origin, which leads him to think about his cultural identity.

**KEYWORDS:** Armenian literature; autobiography; Armenian genocide; cultural identity; Leo Hamalian.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo – Brasil. Professora Livre Docente da Universidade de São Paulo – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8157-3000>. E-mail: [deize.pereira@usp.br](mailto:deize.pereira@usp.br)

## 1 Introdução

Filho de sobreviventes do genocídio armênio, perpetrado pelos turcos otomanos no início do século XX, Leo Hamalian (1920-2003) nasceu e foi criado nos Estados Unidos. Linda Hamalian (2004), que foi sua segunda esposa, num breve texto, esclarece alguns dados biográficos do autor. Ela relata que sempre insistiu para que Leo escrevesse uma biografia, mas ele resistia a esta ideia. Linda esclarece que depois se deu conta de que Leo Hamalian escrevia sobre si mesmo, mas só indiretamente, através de ensaios literários, monografias, introduções a antologias, críticas literárias, artigos sobre ensino, artigos sobre política, etc. Conforme nota a autora, a leitura e a escrita são permeadas pela subjetividade, e com Leo Hamalian não poderia ser diferente: “Yes, we all bring ourselves to whatever texts we write and read; there is no avoiding it” (HAMALIAN, 2004, p. 6).

Leo Hamalian nasceu no Bronx e cresceu no Queens, bairros periféricos de Nova York. Mesmo tendo sido criado na sociedade americana, ele esteve em estreito contato com a cultura armênia, como cultura do lar, aquela praticada no âmbito doméstico. A questão da língua não era um problema: bilíngue, como a maioria dos armênios da sua geração, falava armênio em casa, e inglês na rua. Todavia, detestava a comida que sua mãe, Rose, fazia para o jantar, particularmente, a carne de carneiro e também os sanduíches de *pasterma* (uma espécie de carne defumada) que ela lhe preparava para levar para a escola. Linda Hamalian nota que levaria ainda duas décadas para que Leo apreciasse a cozinha armênia e preparasse seus próprios pratos: *midia dolma*, *tanabour* e feijão seco *plaki*.

Não havia nenhuma criança armênia na vizinhança e Leo era desencorajado, pelo pai, a ter amigos. A vida social da família compreendia visitas aos primos armênios em Hackensack e Teaneck (Nova Jersey), no inverno; e, no verão, visitas a parentes em férias no Asbury Park. Os pais de

Hamalian, Thomas e Rose, também convidavam amigos armênios para irem a sua casa. Nestas ocasiões, eles discutiam questões políticas, tais como se deveriam colaborar com o partido político armênio Tashnag, ou com o Ramgavar; se eram partidários de uma Armênia independente, ou se estavam satisfeitos com o que restava da Armênia, então sob a proteção da União Soviética. O tópico principal, porém, e que sempre se repetia, eram as histórias sobre os massacres: o genocídio de 1,5 milhão de armênios, que habitavam as províncias da Anatólia, no Império Otomano – até hoje não reconhecido pela Turquia.

Para escapar desta atmosfera, Leo subia para o quarto, esquecendo-se de que encontraria sua mãe chorando silenciosamente, escondendo o rosto com as mãos. Tal qual seus dois maridos (o primeiro, com quem teve dois filhos, falecido durante a epidemia da gripe de 1918, e o segundo, Thomas, pai de Hamalian e de sua irmã, Agnes), Rose também era uma sobrevivente do genocídio. Ela, no entanto, recusava-se a contar a razão pela qual chorava, recusava-se a dizer, ao seu jovem filho, que ela estava sofrendo pelos horrores que testemunhara no genocídio. Assim, Linda menciona o pesar que afetava os Hamalian: “Toda vez que Leo entrasse naquela casa, ele se confrontava com a trágica e recente história do povo armênio. Ele ansiava por libertação da tristeza e do ódio que permeavam a atmosfera de seu lar” (HAMALIAN, 2004, p. 8, nossa tradução).

Como a língua armênia, a cultura e os costumes eram uma imposição de um pai extremamente severo, Hamalian adquiriu aversão a tudo que era armênio. Nada mais natural, portanto, que ele desejasse se libertar dessa tristeza, afastando-se desta identidade imposta, quando cresceu e se tornou independente. Após perder sua mãe, ainda muito jovem, com dezoito anos, ele entrou para a Escola de Agricultura na Universidade Cornell e passou a morar sozinho e a trabalhar.

Leo Hamalian se casou com Catherine Spraker, teve três filhos, separou-se e se casou novamente, com Linda Hamalian. Na G.I. Bill, graduou-se como professor universitário de Letras; na Universidade Columbia, fez o mestrado; e na Faculdade de Filosofia da mesma universidade, fez o doutorado, que versava sobre as peças de T. S. Eliot. Trabalhou como professor universitário na City College e na Universidade de Nova York.

Sua reaproximação da comunidade armênia foi motivada principalmente por suas viagens ao Oriente. Leo Hamalian estudou na Universidade de Teerã (Irã) e foi professor da Universidade de Damasco (Síria) de 1962 a 1964. Depois de retornar a sua função como professor da City College, ele se tornou editor do Jornal literário *Ararat* (1972-2003).

Para entender como Leo abraçou sua herança armênia, os leitores têm que ir aos seus textos, e mesmo assim, eles só serão capazes de especular as razões. Os seus dois anos na Síria e um no Irã certamente estimularam uma nova conexão. Como editor do *Ararat*, sua imersão crescente na cultura e história armênias foi inevitável. A viagem à Armênia, a frequência com que os armênios do mundo todo o recebiam em suas casas, o desenvolvimento de sua autoconsciência, um desejo de comunidade, e seu trabalho como chefe do Anahid Award Comitê; tudo isto contribuiu para que Leo amasse tudo que era armênio. (HAMALIAN, 2004, p. 12, nossa tradução).

Os dois textos que analisamos neste artigo são autobiográficos; são eles: “Amid bounty, longing” e “A little question of identity”. “Amid bounty, longing” foi publicado pela primeira vez no Jornal *The New York Times*, em 1976, como um artigo assinado por Leo Hamalian. Posteriormente, uma nova versão levemente modificada foi publicada no livro *Burn After Reading* (HAMALIAN, 1978), e postumamente no Jornal *Ararat* (HAMALIAN, 2004). “A little question of identity” também foi publicado no livro *Burn After Reading* (HAMALIAN, 1978), e sua tradução em português, na Revista *Armenusp* (2001). O caráter autobiográfico dos dois textos é confirmado não só por suas características formais (relatos em primeira pessoa, citação do nome próprio do autor ao longo

do texto, referências específicas ao seu pai de origem armênia, à sua viagem à Síria, em 1962, entre outros), mas pela nota introdutória, na segunda vez em que publicou “Amid bounty, longing” (HAMALIAN, 1978/2004), na qual inclusive estabelece uma relação entre os dois textos citados.

Se eu não tivesse escrito “Uma pequena questão de identidade”, há alguns anos atrás, eu não poderia ter escrito este ensaio. É uma oferta de paz de uma geração para a outra. Talvez leve um longo tempo para um adulto entender seu pai – e finalmente perdoá-lo por erros reais ou imaginários. Perdoando seu pai, ele perdoa a si mesmo, a seus próprios pecados análogos. Eu acho que a diferença cultural, somada à diferença de geração, pode complicar as relações, mas a integridade do indivíduo, não importa como ela se expresse, no final das contas, faz-se entender e ser respeitada. (HAMALIAN, 2004, p. 36, nossa tradução).

## 2 Pressupostos teóricos: os estudos culturais

Neste estudo, partimos de uma perspectiva cognitivista de cultura e de identidade cultural.

Stuart Hall define *identidades culturais* como: “Aqueles aspectos de nossa identidade que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 8).

Costumamos pensar em identidade em termos deterministas, étnicos e nacionalistas: “Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior” (HALL, 2008, p. 28).

Conceptualizamos a identidade cultural como única, distinta de outras e imutável. Por causa mesmo de sua natureza conceptual (a identidade é um constructo abstrato), podemos reconceptualizar mudanças de identidade em termos de continuidade de identidade, nominalmente, aquele algo que persiste (TALMY, 2003, p. 465). Esta forma de estrutura sequencial – continuidade de identidade apesar das mudanças – tem um análogo sincrônico que é

uniformidade da identidade apesar das diferenças. Se a identidade é acompanhada de um sentimento afetivo de apego a ela, como no caso das identidades nacionais, sentimos o desejo de prolongar sua existência e preservá-la contra ameaças. E se, por acaso, ela deixar de existir, há um sentimento de perda.

O termo *identificação*, no lugar de identidade, destaca sua natureza, não como um produto, mas como um *processo*. Segundo Hall (1996), no senso comum, pensa-se em identificação como algo fundamentado no reconhecimento de uma origem comum, ou em características compartilhadas com outra pessoa ou grupo, ou até mesmo como algo estabelecido com base em um ideal e em laços de solidariedade e aliança. Esta definição põe em segundo plano o significado de identificação enquanto construção, um processo nunca finalizado. A identidade não está nunca completamente determinada, no sentido de que sempre se pode ganhá-la ou perdê-la, ela pode ser sempre sustentada ou abandonada.

(...) esta concepção de identidade *não* assinala aquele núcleo estável do eu (self) que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. (...) Ela tampouco se refere, se pensarmos agora na questão da identidade cultural, àquele “eu coletivo ou verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros eus – mais superficiais ou mais artificialmente impostos – que um povo, com uma história e ancestralidade partilhadas, mantém em comum” (HALL, 1990). Ou seja, um eu coletivo capaz de estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural ou uma ‘unidade’ imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças – supostamente superficiais. Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2003, p. 108).

Os processos de migração forçada dos tempos modernos de fato perturbaram o caráter relativamente ‘estabelecido’ de muitas povos e culturas. Hall lança questões relevantes para a análise do contexto de deslocamento: “o

que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora?” (HALL, 2008, p. 28). No contexto da diáspora, podemos realmente dizer que “as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência”? (HALL, 2003, p. 108-9).

Numa concepção fechada de “tribo”, diáspora e pátria, ter uma identidade cultural é

(...) estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, (...) sua “autenticidade”. É, claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história” (HALL, 2008, p. 29).

O conceito de identidade está, portanto, intimamente relacionado à maneira como se utilizam os recursos da história, da língua e da cultura para criar representações. As identidades são construídas no interior das representações discursivas (HALL, 2013). Para Hall (2006), a “*narrativa da nação*” – tal como é contada recorrentemente nas histórias que circulam, na mídia, na literatura, na cultura popular – fornece uma série de imagens, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais, que representam a nação, as experiências partilhadas, seus triunfos e suas vicissitudes. Como membros dessa “comunidade imaginada”, projetamos a nós mesmos nessas narrativas. Elas dão sentido a nossa existência, conectando nossas vidas com um destino nacional que preexiste e continua a existir depois de nós.

[as identidades] surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história” por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário

(assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia (...) (HALL, 2003, p. 109).

Precisamente porque as identidades se constroem no discurso, devemos compreendê-las como produtos históricos, no interior de determinadas formações discursivas. Neste sentido, as identidades podem ser definidas como “o apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 1996, p. 6, nossa tradução). O passo seguinte na análise dos discursos sobre identidade é “não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2008, p. 55).

### *3 “Amid Bounty, Longing” (Em meio à generosidade, a nostalgia)*

Em “Amid Bounty, Longing” (Em meio à generosidade, a nostalgia), que, como já referido, apareceu publicado primeiramente como um artigo no jornal *The New York Times*, Hamalian (1976) narra, em primeira pessoa, suas memórias de infância, detendo-se na relação com seu pai, mas sob uma perspectiva madura, refletindo sobre seus próprios sentimentos do passado e do presente e especulando sobre o que sentia seu pai. Já na primeira linha do texto, ele informa que o pai é sobrevivente do genocídio armênio:

Meu pai, como muitos armênios sobreviventes do genocídio turco, era um homem que realmente nunca quis deixar seu lar. Até que ele foi forçado a fugir, ele amava o lugar onde ele tinha nascido e sido criado. Era um ambiente alheio à mentalidade americana, em muitos aspectos, e como resultado disto meu pai nunca se deu muito bem com suas crianças, até os últimos meses de sua vida. Conforme eu olho para trás, para seus dias na terra, mais com tristeza do que com o ódio que eu costumava sentir sobressaindo na sua presença, eu acho que sua vida era sobre o estrago feito pelo exílio à psique humana. (HAMALIAN, 2004, p. 36, nossa tradução).

“Exílio” designa a expatriação voluntária, ou forçada, como neste caso. É também a experiência de viver num lugar afastado, solitário, desagradável de habitar, sendo este um dos sentidos desta palavra no dicionário (FERREIRA, 1986). Este é o modo como o imigrante, ou mais propriamente, o refugiado, vê o novo país. O pai viveu 28 anos nos Estados Unidos, mas não conseguiu ter uma vida plena.

Desde o dia em que ele colocou seus pés no Novo Mundo em 1911, uma vítima precoce do pogrom turco, até o dia de sua morte solitária em 1939, nem a quimera do sonho americano, nem a generosidade de prêmios materiais, foram capazes de aliviar a dor de um refugiado que inesperadamente se achou transplantado para uma terra estranha, onde ele foi forçado a florescer, ou murchar. Ele tomou todas as medidas que deveria tomar, fez aquelas coisas que tinham transformado outros armênios em amantes de sua terra. Mas no solo duro de um novo país, ele quase não deixou pegadas. Era como se uma câmara silenciosa tivesse sido focada na sua vida; e quando, como eu faço às vezes agora, eu deixo a minha mente vagar de volta para minha juvenil relação com ele, eu lembro dele como um fantasma, que gesticula, anda, fala, mas não emite nenhum som, nem mesmo o som do lamento, nem o menor murmúrio do pesar interior, que eu agora reconheço que ele guardou para si mesmo, como uma pedra, por 25 anos. (HAMALIAN, 2004, p. 36, nossa tradução).

Hamalian finaliza este trecho com uma imagem: a tristeza, a dor, como uma pedra que seu pai teve de carregar ao longo de sua vida. O pai era como um fantasma emudecido. O autor utiliza ainda outras imagens ao longo do texto para descrever os sentimentos do pai: “Meu pai chegou ao fim dos movimentos. A grande planície na qual ele vagou permaneceu, apesar de tudo, desolada, obscurecida no centro, e circundada por uma margem brilhante, como se cercada de um abismo em chamas” (HAMALIAN, 2004, p. 37, nossa tradução). Trata-se da descrição de uma paisagem para se referir à solidão do pai. Usa também a expressão “desarraigado” para caracterizá-lo: “Para este homem desarraigado e reto, a questão era, como Joseph Conrad diz em uma de suas novelas, ‘não como ser curado, mas como viver’” (HAMALIAN, 2004, p. 36, nossa tradução). Desarraigar, arrancar pela raiz é uma imagem recorrente para descrever os

armênios que sofreram deslocamento forçado, como se fossem uma planta arrancada de sua terra (KUTCHAK, 2021).

O pai pertencia a uma família de agricultores prósperos da cidade de Van, e sua família foi morta pelos turcos. Para dar esta informação, Leo Hamalian se vale de um eufemismo: “só ele e sua irmã conseguiram sair da Turquia, antes que os turcos os pegassem” (HAMALIAN, 2004, p. 36, nossa tradução). A irmã foi para Alexandria (Egito), mas diferentemente do pai de Hamalian, ela não conseguiu integrar-se no novo país e permaneceu num local para refugiados até seus últimos dias. Assim, não vai se casar, ter filhos, ter uma vida normal. Para a irmã, a condição de apátrida é uma condição permanente, porque ela permaneceu a vida toda isolada, exilada.

Já o pai de Hamalian, conforme relatado no texto, teve a oportunidade de construir uma nova vida na sociedade americana. Ele adquiriu uma profissão, se casou, teve filhos, criou família, frequentava reuniões sociais dos armênios, do partido Tashnag, os jogos de cartas, a Igreja Apostólica Armênia. Mas, apesar de ter conseguido se estabelecer na América, nunca conseguiu se recuperar do trauma do genocídio e da expatriação.

Por que ele era tão resistente à ressurreição como um americano, quando outros armênios estavam se levantando como uma fênix, das cinzas de sua tragédia turca? Eu não estou bem certo, mas eu acho que o peso da tristeza nas suas objeções permaneceu. Ela nunca se abrandou. Ela ficava aparente na maneira como ele se relacionava com as crianças. Quanto mais americanos nos tornávamos, mais furioso ele ficava. Nós não podíamos dizer se esta ira era dirigida à América, ou a nós. Nós sentíamos, meio vagamente, que nós tínhamos nos comportado mal de alguma maneira, transformando-nos no que nós tínhamos que nos transformar, em face das pesadas exigências feitas sobre nossas naturezas maleáveis. Falávamos só armênio em casa, comíamos só comida armênia, e víamos somente amigos armênios. Eu acho que meu pai acreditava que ele poderia recuperar, de um modo mágico, alguma parte do seu passado, talvez até aliviar a dor de seu exílio, se ele conseguisse manter suas crianças armênias. Ele triunfaria, desse modo, sobre o turco, que procurou destruir a identidade armênia. (HAMALIAN, 2004, p. 37, nossa tradução).

Hamalian inicia este trecho falando da resistência do pai de se integrar plenamente na sociedade americana, de renascer no meio ambiente americano. O autor usa a imagem da fênix, comum para se referir ao armênio sobrevivente que se estabeleceu na diáspora: a ave fabulosa, que segundo as tradições egípcias, durava muito séculos e, queimada, renascia das próprias cinzas (SAPSEZIAN, 1994; VERNEUIL, 1985). Ao mesmo tempo, podemos identificar no comportamento do pai, conforme narrado por Hamalian, o desejo de continuidade da tradição: as práticas culturais, como falar a língua e cozinhar pratos armênios, garantiriam a sobrevivência da cultura armênia na diáspora, assim triunfariam os armênios sobre os turcos. Se não puderam evitar o genocídio vermelho (em armênio: *garmir chart*), ao menos resistiriam ao genocídio branco (*djermag chart*), à assimilação cultural.

Este texto é tocante por descrever em pormenores os sentimentos da geração dos sobreviventes do massacre. O pai carregava um pesar interior e, mesmo tendo obtido todas as coisas que um imigrante deseja (família, amigos, casa, trabalho), não conseguiu construir uma identidade plena como americano, ou ao menos uma identidade conciliatória, híbrida, de armênio habitante da diáspora.

A diferença cultural, geracional e até relativa à língua na qual tinham mais fluência, criava um abismo entre Leo e o pai, como ele mesmo relata:

“Todavia, algo mais profundo, mais abalador do espírito, do que este medo de americanização, atormentava meu pai. Só recentemente eu comecei a entender o que deve ter sido. Seu inglês rudimentar não permitia a ele dizer o que o incomodava, nem era o meu armênio afiado o bastante para enfrentar uma questão tão profunda e delicada (...)” (HAMALIAN, 2004, p. 38, nossa tradução).

Apesar de possivelmente haver algo mais profundo, que perturbava o pai, era fato que um dos seus temores era a americanização dos filhos, a assimilação cultural. Leo recebia educação armênia em casa, mas só falava

armênio com seus pais e irmãos, esta era a única situação social em que tinha contato com a cultura armênia. Quando criança, passava a maior parte do tempo com sua família, mas à medida que cresceu, cresceram também os contatos com o mundo externo. O pai de Leo ainda troca sua escola, de uma católica para uma escola pública, sem saber que, com isto, acelera a integração do garoto na sociedade americana. Nesta época, a escola desmerece a cultura dos imigrantes, ao mesmo tempo em que incentiva a americanização, e o próprio Leo, quando criança, deseja se integrar plenamente na cultura americana.

Eu devo confessar que eu era um colaborador inocente, mas bem-disposto, da causa nativista. Quantas vezes eu entreguei os meus sanduíches de *pasterma* para os meus amigos zombadores; como eu ficava feliz quando professores ignorantes me faziam um anglo todo emplumado, por terem pronunciado meu nome como “Hamilton”; quantas vezes eu fingi que eu não entendia minha mãe quando ela se dirigia a mim em armênio, em público! Naquele tempo, eu não tinha a menor ideia de que meus pequenos gestos infantis de rebelião eram provavelmente tortura para meu pai. (HAMALIAN, 2004, p. 37, nossa tradução).

Vemos que Leo adorava quando corrompiam seu nome para Hamilton, rejeitava a comida armênia e fingia não entender a mãe falando armênio. Por tais motivos, ele descreve a si mesmo como um colaborador bem-disposto da causa nativista, porém, inocente, por não ter consciência do peso de suas atitudes, aos olhos de seu pai. Seus pequenos gestos eram tortura para o pai, dado que para este significavam a negação da identidade armênia, o rompimento com a identidade de origem.

O texto é uma tentativa de entender os sentimentos do pai e a difícil relação que tinha com ele quando criança. Ressalte-se que, ao longo do texto, Hamalian constantemente lembra a nós, leitores, de que se trata de uma suposição sua sobre o que se passava na mente de seu pai: “Todavia, algo mais profundo, mais abalador do espírito, do que este medo de americanização, atormentava meu pai. Só recentemente eu comecei a entender *o que deve ter*

vido.” (HAMALIAN, 2004, p. 38, grifos nossos); “*Eu dependo de uma memória pouco clara dos eventos, mas eu acho que eu posso* indicar o que era que estava comendo meu pai como um ácido” (HAMALIAN, 2004, p. 38, grifos nossos). Leo chega à conclusão de que pior do que o temor de que os filhos se aculturassem era o trauma do genocídio que o pai carregava dentro de si.

Eu dependo de uma memória pouco clara dos eventos, mas eu acho que eu posso indicar o que era que estava comendo meu pai como um ácido. Merecia ele a generosidade e a proteção que o Novo Mundo ofereceu pela aquisição? Estes sinais de sucesso eram realmente os frutos de seu fracasso como um homem? Deveria ele ter ficado para trás com seus parentes? Deveria ele ter tido a coragem de encarar seus inimigos, não importa o quanto isto custasse? Eu acho que meu pai se sentiu culpado de ter escapado do destino da sua família. Apesar de ele saber bem que tinha evitado o terror e até mesmo a morte, uma parte dele se convenceu de que ele tinha traído sua família, porque não compartilhou de seu destino, porque ele tinha – isto pode soar irracional, e é sem nenhuma dúvida – sobrevivido às custas deles. (HAMALIAN, 2004, p. 38, nossa tradução).

O pai se culpava por ter sobrevivido. O povo armênio tem uma autoimagem de povo resiliente, guerreiro, orgulhoso, forte, insubmisso, que luta até a morte se preciso for (PEREIRA, 2012), mas o pai fugiu. Se não tivesse fugido, não teria sobrevivido. Ainda assim, se culpava por não ter morrido com e pelos seus. Para o pai, a boa sorte que teve, de ter sobrevivido, criado uma família, era algo inaceitável a partir de sua visão de mundo, de seus valores. Para o pai, ter uma vida nova na América foi um “ato de traição” – a culpa por ter sobrevivido é um sentimento comum a pessoas que passaram por um grande trauma, estando relacionada ao luto vivido pelos sobreviventes (MEKHITARIAN, 2019).

#### 4 “*A little question of identity*” (*Uma pequena questão de identidade*)

É interessante, a título de comparação, contrastarmos a atitude do pai de Leo Hamalian, de impor a cultura armênia aos filhos, com a atitude dele mesmo

em relação aos seus próprios filhos. Esta relação é descrita no texto “Uma pequena questão de identidade” (HAMALIAN, 1978/2001).

O fato é que eu não era o que Leon Surmelian chamaria de “um bom armênio”. Minha esposa teve o *infortúnio* de ter nascido como uma *odar*. Meus filhos cresceram sem o *benefício da língua* e os meus contatos com a comunidade armênia eram restritos a nascimentos, casamentos e funerais. Eu sinto que era importante para meus filhos se identificarem com as atitudes e costumes do país em que eles viviam. Eu não via motivo para *obscurecer* suas mentes com aquelas discussões sem fim de *causas perdidas*, de uma *religião exótica*, do “velho país” ainda vivo na memória dos mais velhos. Finalmente – e isso me fez um pária aos olhos dos patriotas – eu não poderia acreditar que um *bom turco era um turco morto*, especialmente por eu não ter conhecido nenhum, vivo ou morto. (HAMALIAN, 2001, p. 123, grifos nossos).

Neste trecho, emitindo uma série de julgamentos de valor em relação às práticas culturais, Leo explica que se casou com uma *odar* (‘estrangeira’ em armênio) e, logo, não passou a identidade armênia para os filhos. Porém, ele não culpa a si nem a esposa, ironicamente afirmando que o destino assim quis, foi simplesmente falta de sorte casar-se fora da comunidade. Já ter conhecimento da língua armênia seria um *benefício* do qual os filhos foram privados. Passar as *causas perdidas* para os filhos (podemos especular quais seriam: reconhecimento do genocídio, restituição de territórios aos armênios por parte da Turquia) seria obscurecer suas mentes. A religião (provavelmente referindo-se à fé tradicional, à igreja própria, denominada Igreja Apostólica Armênia, cuja origem remonta à pregação dos apóstolos de Cristo) é qualificada como *exótica* – os armênios se orgulham de ser o primeiro povo do mundo a aderir ao cristianismo como religião oficial de estado, no início do século IV (PEREIRA, 2021). Por tudo isto, ele não é considerado um bom armênio, e, sobretudo, aos olhos de outros armênios, Leo é um pária (excluído da sociedade), porque não odeia os turcos.

Neste texto autobiográfico, narrado em 1ª pessoa, Leo fala de sua viagem a Damasco (Síria), onde passou 2 anos (1962-64). A Síria era também território

histórico da Armênia, isto é, chegou a fazer parte do domínio armênio, na Antiguidade, à época do rei Tigran, do século I a.C. (SAPSEZIAN, 2010), e ele faz menção a este fato: “eu não podia suportar saber que toda a Síria era uma Armênia” (HAMALIAN, 2001, p. 126).

Leo usa a imagem do “filho pródigo” para descrever o seu reencontro com a cultura e com a comunidade (HAMALIAN, 2001, p. 123), quer dizer, ele não é indiferente a sua identidade armênia. A Síria é para ele: “um estranho, mas familiar canto do mundo” (HAMALIAN, 2001, p. 124). A antítese assim se explica: estranho, do ponto de vista de sua identidade americana, e familiar, do ponto de vista de sua identidade armênia – o país foi um dos primeiros refúgios dos sobreviventes e abrigava uma grande comunidade armênia até a guerra civil de 2010 (LEPEJIAN, 2017). Lá ele tem a oportunidade de conhecer vários armênios (ele viaja a Turquia, Líbano, Jordânia, entre outros países, onde também residem pessoas de origem étnica armênia) e esse encontro com a comunidade armênia do Oriente Médio é uma forma de se reconhecer a si mesmo, de refletir sobre sua identidade armênia.

O primeiro personagem introduzido na história é George, que vai provocá-lo quanto a questão de sua identidade de origem: “você ainda é Hamalian, não é? Por que você não mudou seu nome armênio?” (HAMALIAN, 2001, p. 124). Mudar de nome, para os armênios, é um ato de negação de sua origem, na medida em que o sobrenome, sempre terminado em “-ian”, identifica o povo armênio.

George riu, pacientemente, e esperou minha resposta. Eu sabia que ele estaria alerta para insinuações. Sim, por que eu não mudei meu nome? Por que eu continuava a viver com um rótulo? Com uma dor angustiante. Eu me lembro de como as crianças da vizinhança decididamente costumavam errar a pronúncia de meu nome, como elas costumavam me provocar sobre os “armênios famintos” sempre que eu comia muito rápido. Quando nenhum daqueles insultos funcionava, eles propunham que a gente não brincasse de “cowboys e índios”, mas de “turcos e armênios”. Às vezes, eu me achava um miserável, mas também era muito inocente para estar envergonhado de meu sangue armênio. Mais tarde, quando eu ouvi dizer que alguns

armênios mudaram seus nomes, parecia um esforço em negar seu passado. Parecia um gesto indigno para um homem. Eu achei meu nome e minha descendência como alguma coisa que fazia parte de mim, como um apêndice (...). (HAMALIAN, 2001, p. 125).

Leo vai manter o seu nome, apesar de todos os preconceitos que sofreu quando criança por causa disso (cf. também VERNEUIL, 1985). Ele responde a George que não mudou de nome, porque, de qualquer forma, suas características físicas o denunciariam como um armênio: “Com meu rosto, por certo, as pessoas perguntariam qual era o meu nome antes de eu ter mudado para O’Hara” (HAMALIAN, 2001, p. 125). O “sangue armênio” – expressão recorrente entre os membros das comunidades armênias da diáspora (ARLEN, 1978) e utilizada por Hamalian na citação acima –, a identidade vista como geneticamente transmitida, manifesta em seu fenótipo, se coaduna com a visão de que esta não pode ser abandonada. Como um outro autor contemporâneo da diáspora armênia diria, “um armênio nunca pode deixar de ser um armênio” (ARLEN, 1978, p. 37). E vejam a avaliação que ele próprio expressa no texto: mudar de nome seria um “gesto indigno”. O nome é como um apêndice, é parte acessória, mas é parte dele e de sua identidade.

Hamalian vai estudar a língua como forma de se aproximar da comunidade, descobrir sua personalidade, sua visão de mundo. E ele se refere a ela como “nossa língua” (HAMALIAN, 2001, p. 126).

Entre os armênios com quem trava conhecimento, como um proprietário de uma loja perto de Aqab (cidade ao sudoeste da Jordânia, próxima a Israel), ele percebe o esforço em conservar a identidade armênia, mesmo estando na diáspora:

“Na terceira xícara de café, ele nos contou como ele tinha vivido entre os árabes por mais de vinte anos, como ele mantinha sua identidade de armênio e como ele ensinou seus filhos a seguirem seu exemplo. Como ele poderia, sendo um cristão praticante e um armênio evangélico, permitir que seus filhos fossem tragados pelo Islamismo? Ele morreria, assegurou-me com suas mãos abertas,

antes que permitisse que seus filhos tomassem uma “dajig” [muçulmana] como esposa. (HAMALIAN, 2001, p. 127-8).

Trata-se de um armênio convicto de sua identidade cultural, porque luta para manter a cultura armênia, mesmo vivendo cercado de árabes, luta para manter a religião cristã (embora não se trate da Igreja tradicional, a Apostólica, mas sim a Evangélica) e se esforça também em passar a cultura para os filhos, externando ainda sua preocupação de que se casem com pessoas de origem armênia. Percebe-se igualmente nesse discurso a importância da alteridade, do outro, para definir a identidade, aquele ao qual a identidade armênia se contrapõe, expresso pelo termo *dajig*, que ora é empregado para referir a islâmico em geral, ora especificamente para referir ao turco muçulmano, isto é, o povo inimigo.

Os personagens também retratam uma comunidade fechada, pouco receptiva e fraterna:

E, então, percebi que seu insubordinado exílio representava alguma coisa bem característica de sua pessoa – um homem modesto cheio de arrogância, que controlava os estranhos com desprezo abstrato, e os estranhos, na sua simples definição, eram todas as outras pessoas que não eram armênias. Ele era tão cheio de orgulho, esse armênio, que era quase difícil saber se era insano ou admirável.

(HAMALIAN, 2001, p.127-8).

Armênios são contrapostos a americanos, num discurso xenófobo e cheio de generalizações, de estereótipos: americanos são ignorantes, estúpidos, só sabem falar inglês; armênios são cultos, inteligentes, empreendedores e políglotas.

Finalmente a mais nova se virou para a outra e perguntou em perfeito armênio Bolsetsi (de Constantinopla, Turquia): "Quem é este homem e o que ele quer?"

"Ele é um americano, eu acho" – disse a outra. "Suas calças estão apertadas na virilha, acho que ele quer alguma roupa."

"Eu também acho, pelo jeito que ele age" – disse a primeira, satisfeita. "Os americanos são bem estúpidos – certamente não muito mais inteligentes que os burros. Olhe esse daí, ele não consegue falar nada a não ser inglês. Não pode deixar um simples desejo claro, uma vez que esteja longe de casa. Eu gostaria de saber quantas vezes ele se sujou, porque ele não sabia perguntar onde era o toalete. (...)

"Você sabe, é só olhar para ele" – a mais nova continuou, lançando um olhar para mim; mas agora tendo prazer fingindo examinar a camiseta. "Você pode dizer que ele tem mais dinheiro que cérebro. Os americanos governam o mundo, mas eles não conseguem comprar uma camiseta em Beirute (...) Agora toma nós armênios" – ela continuou, com a mão aberta significativamente sobre o peito: "Nós todos falamos pelo menos quatro línguas, se somos educados ou não. Eu falo turco, árabe, grego, russo e francês. E meu marido também, nós temos miolos e habilidade. Se não, como poderíamos ter sobrevivido por todos esses séculos? Mas onde estamos? A gente não tem nem mesmo um país para nós. O mundo pertence aos estúpidos e aos ignorantes". (HAMALIAN, 2001, p.129-130).

Árabes e turcos aparecem como personagens secundários no texto, desta feita, como recurso para o narrador questionar, de um lado, o preconceito com o árabe muçulmano, e, de outro, o ódio nutrido pelos armênios contra os turcos. No segundo trecho a seguir, o turco pede perdão a Leo Hamalian e lhe propõe amizade. Embora haja alguns poucos intelectuais turcos que reconhecem o genocídio (AKÇAM, 2006), a República da Turquia ainda não o reconhece, e a posição dominante e oficial do país permanece sendo o negacionismo.

Outra vez, em Deir-el-Zhor, nós encontramos um engenheiro que trabalhava numa ponte nova em Eufrates. Durante a conversa, eu, casualmente, perguntei como ele conseguia viver entre os "*vairenis*" (bárbaros), um termo que eu tinha ouvido os armênios usarem. Ele me olhou tristemente e disse: "Você não deve dizer isso. Esses árabes são analfabetos e atrasados, embora eles não tenham culpa. Eles são pobres. São também calorosos, generosos, gentis e alegram-se com a vida. Eles nos deram boas-vindas em seu país, quando fomos expulsos pelos turcos. Eles mesmos não tinham nada, mas o que tinham dividiram conosco. Sem a ajuda deles, eu não estaria vivo e nem outros milhares de armênios. Nunca se esqueça disso. (HAMALIAN, 2001, p.133-4).

Em Istambul, um menino turco chamado Ghengis, que trabalhava no Hotel Opera, indicou-se ele mesmo como nosso guia, quando descobriu que minha mãe tinha nascido em Rumli Hisserl. Por

quatro dias ele ficou à nossa disposição. Quando estávamos partindo, ele disse: "Desculpe pelo passado. Você deve perdoar os turcos que machucaram seu povo. Eles eram pobres, pessoas ignorantes. Vou casar com uma armênia quando eu terminar o serviço militar, e vamos ter crianças armênias. Deixe os mortos enterrarem os mortos. Você e eu não éramos nascidos quando coisas terríveis aconteceram. Vamos ser amigos". (HAMALIAN, 2001, p.134).

Os personagens deste texto, não sabemos até que ponto ficcionalizados ou romanceados, são caricatos, quando armênios são exageradamente armênios, por assim dizer. Assim como George, que indaga Leo sobre a questão de seu nome de batismo, outro personagem, Boghos, sobrevivente do genocídio que imigrou para a Grécia, igualmente lhe inquiriu sobre sua identidade.

"Então você se refere a você mesmo como armênio?"

"Sim, um armênio-americano."

"Você não ouviu, meu bom professor. Eu perguntei se você se intitula um armênio."

Eu vim pelo *arak* [bebida destilada], assim eu respondi "Sim, às vezes, está tudo bem com você?"

"Eu não tenho certeza, ao certo. O que te dá o privilégio de se referir como um armênio, às vezes?" (...) "Para você se chamar de armênio, você deve atuar como armênio, pensar como armênio, sentir como armênio e viver como armênio". (HAMALIAN, 2001, p. 131-2).

Ser armênio para Boghos é uma postura, uma filosofia de vida. A questão principal que se coloca é se o outro se considera armênio, se o habitante da diáspora se declara armênio, se reconhece sua origem e se é capaz de conservar esta identidade na diáspora, questão ainda atual para boa parte das pessoas com ascendência armênia. Eles questionam se era possível ser armênio na Armênia Soviética (1920-1991), ou na América, por exemplo (isto é, se havia liberdade suficiente para isso).

- "Estamos muito impressionados com o que você disse sobre a Armênia Soviética, Baron ['Senhor'] Melkoumian, e o progresso que você fez nos últimos anos. Mas você é livre para ser armênio?"

- "O que você quer dizer?"

– "É verdade que lhe é permitido ser armênio somente se isso não causar um conflito com o estado soviético?"

– "Absolutamente" – respondeu Mardiros. "Nós temos nossa própria igreja, nossa própria arte, nossa própria língua, nossa própria cultura e, agora, nossa própria Universidade, onde só se fala armênio. Os russos são aceitos somente se eles falarem nossa língua." (HAMALIAN, 2001, p. 135).

Esse armênio, que foi indagado sobre sua liberdade na Armênia Sovietizada, retribui a pergunta:

– "Na América, é possível ser armênio?"

Vamos nós de novo, eu gemi por dentro. Há um Boghos dentro de cada um de nós, clamando para ser ouvido. Eu não queria entrar no jogo, mas Harry Baba respondeu:

– "Primeiro eu sou um homem; depois, eu sou cidadão do mundo. Depois disso, o que importa?"

– "Realmente!" – disse Mardiros, com um traço de escárnio em sua voz – "Eu também sou um homem. Nós todos somos. O que é um cidadão do mundo. Tentar ser cada coisa é ser nada. Há mais identidade que isso? É isso que a América faz com você? Seria melhor vir e ficar conosco em Erevan." (HAMALIAN, 2001, p. 136).

Note-se que os armênios estão sempre cobrando uns dos outros que reconheçam e cultivem a identidade cultural. Boghos, que ele relembra nesta passagem, é aquele que diz que para ser armênio, tem que pensar, agir como um armênio. Neste trecho o personagem critica a identidade de armênio como cidadão do mundo: "*O que é um cidadão do mundo, tentar ser cada coisa é não ser nada*". Esta cobrança constante tem uma motivação forte: o medo de que essa cultura se perca na diáspora, o chamado genocídio branco.

### *5 Considerações finais*

Hall (2006) destaca que na modernidade tardia, há fenômenos que têm perturbado o caráter relativamente 'estabelecido' de muitas populações e culturas. Entre esses fenômenos, ele cita a migração forçada – que é o que

aconteceu com a população armênia sobrevivente do genocídio perpetrado pelos turcos no Império Otomano, a qual se espalhou por vários países.

Com este pano de fundo, a literatura armênia contemporânea da diáspora contempla recorrentemente a questão da identidade cultural. Leo Hamalian, um dos principais representantes desta literatura, através dos dois textos autobiográficos aqui analisados, ao rememorar sua relação com seu pai, sobrevivente do genocídio, seu crescimento na sociedade americana, suas viagens ao Oriente Médio e seus contatos com pessoas de origem armênia, aborda essa memória traumática dos massacres, ao mesmo tempo em que reflete sobre sua herança identitária armênia.

Percebe-se que a identidade de sobrevivente de um massacre acompanha esses indivíduos (PEREIRA, 2015). Como um personagem de Arlen (1978), outro autor contemporâneo da diáspora, coloca: "Ser armênio é ter esse peso intolerável de tristeza na alma. (...) Os armênios nunca poderão esquecer o que aconteceu a eles. Os armênios nunca devem esquecer. Foi um genocídio. Você sabe, foi o maior genocídio do mundo" (ARLEN, 1978, p. 51).

Os textos também mostram o temor constante de que o genocídio se perpetue através do apagamento da cultura armênia na diáspora. Nota-se um esforço em conservar a armenidade – o cultivo de sua língua, literatura, religião, cultura, história, fora da mãe pátria. Ao mesmo tempo percebe-se que as identidades desses indivíduos não são unificadas; pelo contrário, são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, estando em constante processo de questionamento, transformação e mudança.

## REFERÊNCIAS

AKÇAM, Taner. *A Shameful Act: the Armenian Genocide and the question of Turkish responsibility*. Nova York: Metropolitan Books, 2006.

ARLEN, Michael J. *Passagem para Ararat*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALL, Stuart. Who needs identity? In: HALL, Stuart; DU GAY, Paul. *Questions of cultural identity*. London: Sage, 1996.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathrin (autores). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Tradução A.L.G. Resende, A.C. Escosteguy, C. Álvares, F. Rüdiger e S. Amaral. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart; EVANS, Jessica; NIXON, Sean (eds.). *Representation: Cultural Representation and Signifying Practices*. London: Sage, 2013.

HAMALIAN, Leo. Amid Bounty, Longing. *The New York Times*, 1 de dez. 1976. Disponível: <https://www.nytimes.com/1976/12/01/archives/amid-bounty-longing.html>. Acessado em: 27/08/2023.

HAMALIAN, Leo. Amid Bounty, Longing. In: *Burn After Reading*. New York: Ararat Press, 1978.

HAMALIAN, Leo. Amid Bounty, Longing. *Ararat*, vol. XLV, no. 179, Summer, 2004, p. 36-38.

HAMALIAN, Leo. A Small Question of Identity. In: *Burn After Reading*. New York: Ararat Press, 1978.

HAMALIAN, Leo. Uma pequena questão de identidade. *Armenusp I: Cadernos de Armênio*. Tradução Rosana de S. Costa. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2001, p.123-137.

HAMALIAN, Linda. From Ozone Park to Ithaca: Leo Hamalian grows up. *Ararat*, vol. XLV, no. 179, Summer, 2004, p. 6-12.

KUTCHAK, Nahapet. *Poemas da tradição oral trovadoresca da literatura armênia*. São Paulo: Ed FFLCH/USP, 2021. Disponível:

<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/771>.

Acesso em: 28/08/23.

LEPEJIAN, Sosi S. Diaspora as Nation: Examining the Transnational Mobility of Syrian Armenians during Wartime. *Senior Projects Spring*, New York, 135, May 2017.

MEKHITARIAN, Anna Victória P. Uma reflexão sobre a importância do reconhecimento do genocídio armênio à luz de contribuições da Psicanálise. In: PEREIRA, D. C.; NAGAE, N. H. (Orgs.). *Estudos da Ásia: Visões Multidisciplinares*. São Paulo: FFLCH, 2019. Disponível:

<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/382>.

Acesso em 27/08/2023.

PEREIRA, Deize. C. A identidade cultural em História dos Armênios de Moisés Khorenatsi. In: CAVALIERE, A; ARAÚJO, R. G. (orgs.). *Linguagens do Oriente: Territórios e Fronteiras*. São Paulo: Targumim, 2012.

PEREIRA, Deize C. Sobrevivente de um genocídio: Traço integrante da identidade do povo armênio. In: *I Encontro Nacional de Pesquisadores do Grupo Armênios: Genocídio, Imigração e Memória: Ano do Centenário*, Caderno de Resumos, 2015, p. 7.

PEREIRA, Deize C. *Poesia Armênia Cristã: Grigor Narekatsi, Nersês Shnorhali e outros*. São Paulo: Ed. FFLCH/USP, 2021. Disponível: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/770>.

Acesso em: 28/08/2023.

SAPSEZIAN, A. *Literatura Armênia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SAPSEZIAN, A. *História Sucinta e Atualizada da Armênia*. São Paulo: Emblema, 2010.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics. Volume II: Typology and Process in Concept Structuring*. Cambridge, Massachusetts/ London, England: The Mit Press, 2003.

VERNEUIL, H. *Mayrig*. São Paulo: Edicon, 1985.

Recebido em 28/08/2023.

Aceito em 25/04/2024.